



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 02 | N°. 04 | Ano 2021

Simão Rui Faz Tudo Soneca

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA HISTÓRICA, CONGELADA NO MANUAL DE ENSINO DE HISTÓRIA DA 5ª CLASSE DA REFORMA EDUCATIVA EM ANGOLA, NO PERÍODO DE 2012 – 2019

CONCISE CONSIDERATIONS ABOUT HISTORICAL MEMORY, FROZEN IN THE TEACHING MANUAL OF HISTORY OF THE 5th CLASS OF EDUCATIONAL REFORM IN ANGOLA, IN THE PERÍODO 2012 - 2019

RESUMO: O presente artigo, procura compreender como a memória histórica congelada no manual de ensino de história, influencia na percepção e no interesse dos alunos sobre a disciplina de história de Angola. Fatores esse que advém de várias ordens: ideológica, política, familiar, escolar, pessoal ou coletiva. O artigo baseou-se no tipo de pesquisa bibliográfica, quanto ao método, utilizamos a observação e análise crítica do manual. Olhamos os vários autores e cruzamos os diálogos provenientes destes, a partir desta disposição partimos para um olhar performativo, que nos ajudou a compreender que a história que consta nos manuais de ensino é uma história do centro e congelada com aportes no âmbito político e ideológico.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Histórica; Congelamento; Manual de Ensino de História em Angola.

ABSTRACT: The present article seeks to understand how the historical memory frozen in the history textbook influences the students' perception and interest in the history of Angola. These factors come from several orders: ideological, political, family, school, personal or collective. The article was based on the type of bibliographical research; as to the method, we used observation and critical analysis of the textbook. We looked at the several authors and crossed the dialogues that come from them, from this disposition we started to have a performative look, which helped us to understand that the history that appears in the textbooks is a history of the center and frozen with contributions in the political and ideological sphere.

KEY WORDS: Historical Memory; Freezing; History Teaching Manual in Angola.

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

Cinthia Nolácio de Almeida Maia
cinthianolacio@yahoo.com.br

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA HISTÓRICA, CONGELADA NO MANUAL DE ENSINO DE HISTÓRIA DA 5ª CLASSE DA REFORMA EDUCATIVA EM ANGOLA, NO PERÍODO DE 2012 – 2019

Simão Rui Faz Tudo Soneca ¹

INTRODUÇÃO

Com este artigo pretendemos compreender como a memória histórica congelada no manual de ensino de história da 5ª classe da reforma educativa em Angola no período de 2012 – 2019, influência na percepção dos alunos sobre a disciplina de história de Angola. Fatores esses que advêm de várias ordens: ideológica, política, familiar, escolar e pessoal ou coletiva. O manual de ensino de história deve estar alinhado na construção do verdadeiro conhecimento dos alunos e a partir deste ponto, é possível tirar as imposições da memória histórica congelada, que foram estudadas ao longo do tempo através de debates e diálogos. É neste contexto que se pode elaborar uma política de memória que contraponem às políticas de esquecimento (ANSARA, 2012).

Escolhemos este tema, por meio de uma observação e diálogos com alunos da 5ª classe, docentes e leituras feitas no manual de história da 5ª classe da reforma educativa em Angola. Constatamos que os eventos do tempo presente na qual os alunos fazem parte não constam nos respectivos manuais. Os alunos aqui referidos nasceram depois do ano de 2002, com o surgimento da paz em Angola o manual de história foi atualizado ou revisto em 2012. Esses alunos têm agora aproximadamente 09 a 15 anos. A questão que se levanta, qual é o tipo de história que eles querem aprender? A história que lhes é transmitida no tempo presente impacta no sentido de um deslocamento performativo?

De acordo com os autores do manual de ensino de história ao serem chamados para a elaboração do manual, quanto a metodologia seguida por eles, obedeceu a aquilo que esteve ao alcance deles (NSIANGENGO *et all*, 2012, p. 3). Como o sistema político angolano é que determina os conteúdos a serem ensinados, por outro lado, o mesmo sistema apresentou aos autores do manual, os conteúdos que deveriam constar e os que não deveriam constar nos manuais de história, diante deste paradigma, estamos na presença de uma memória histórica que foi congelada nos manuais de ensino. O artigo baseou-se no tipo de pesquisa bibliográfica, como método utilizamos a observação e análise crítica do manual, com incidência nos temas: I: o tempo e o V: Angola na era do tráfico de escravos. O artigo está estruturado em dois pontos: o primeiro ponto abordaremos sobre o caminho pelo qual a memória histórica pode ser congelada e

¹ Docente na Faculdade de Artes da Universidade de Luanda-Angola, Mestrando de Ensino de História de Angola-ISCED-Luanda. simaosoneca3@gmail.com

em segundo iremos olhar as imagens e os textos em busca de lacunas no manual de ensino de história de Angola.

A memória

A memória sendo um processo cognitivo que compreende a retenção e a recuperação de informação, preocupa-nos saber qual tipo de conteúdo nos manuais de ensino de história de Angola, já estão congelados, a família e os encarregados de educação têm outras informações referentes aos conteúdos de história de Angola que são transmitidos de forma oral ou escrita e os professores são também orientados a trabalharem com os manuais didáticos, criando assim um conflito psicológico, este conflito é influenciado por sentimentos, emoções e experiências dos alunos. As formas como os conteúdos de ensino de história de Angola são ministradas em sala de aula dificultam o processo de ensino e aprendizagem, e posteriormente a sua aquisição, retenção e recordação. Por meio da memória semântica assente na linguagem, no pensamento, aprendem só conteúdos na sala de aula e difere da memória episódica, dos acontecimentos é mais voltada para a conservação de experiências pessoais e é sujeita às interferências, como está demonstrado mais abaixo (PESSANHA *et all*, 2013).

A política de memória procura criar tais condições para o congelamento de tudo aquilo que constituem a memória individual, coletiva, e histórica de Angola, a promoção e perpetuação de uma memória oficial, senão vejamos um exemplo será uma troca consciente ou inconsciente da geração dos pais com a baía de Luanda como outras imagens e textos, distorcidas, incongruente no intuito de levar a mente do aluno a desinteressar-se pela história do seu país. E tudo aquilo que o aluno não fala e nem aprende na escola ou nos manuais, facilmente pode desaparecer com o passar do tempo e comprometendo as futuras gerações de Angola. As condições da política de memória se concretizam na política de esquecimento que visa de forma implícita enfraquecer ou mesmo apagar a memória pessoal, coletiva e histórica dos alunos em particular e de Angola em geral, sem olhar e nem pensar nas futuras gerações conforme as figuras abaixo indicam, (POLLAK *apud* VARGAS, 2019, p. 70).

O caminho pelo qual a memória histórica pode ser congelada.

Os autores que trabalharam na reformulação dos manuais de história de Angola, tiveram como modelo a conservação e a manutenção dos eventos ou acontecimentos por meio de uma história do centro. Diante deste dilema, a questão é a forma como despertar nos jovens o interesse e o tipo de história que podemos apresentar na vida escolar. Uma dessas questões tem a

ver com a produção dos manuais de história de Angola. A história do manual que é apresentada aos alunos, não reúne consenso entre professores, alunos, direção, encarregados de educação, e a sociedade angolana por este concentrar-se mais nos eventos dos vencedores, tais donos da independência, da verdade, os melhores, que sabe tudo, fazem tudo, isto passa pela incentivo da memorização dos nomes, datas e eventos das coisas feitas por esses homens, como um conhecimento inesquecível para a edificação de um sentimento nacional exigido para todos, (ALMEIDA ; ROVAI, 2011, p. 56). Em detrimento dos eventos dos vencidos, humilhados e sem expressão humana, mentirosos, pobres em conhecimentos, deformadores destruidores etc.

Os currículos e programas de ensino de história de Angola precisam estar alinhados de acordo com a realidade histórica, do tempo presente dos alunos para a resolução dos problemas, no âmbito político, social e cultural. O presidente da república de Angola João Manuel Gonçalves Lourenço, criou uma comissão coordenada pela Ministra de Estado para Área Social para a revisão dos manuais. Por um lado, as pessoas, o sistema político e a ideologia, que tiveram na base da elaboração dos manuais de ensino de história da reforma educativa em Angola, ainda encontram-se presentes e de outra forma irão influenciar na decisão da revisão destes manuais. Por outro os eventos e acontecimentos do tempo presente e da história pública do aluno não se encontram nos manuais, isto faz com que os alunos não se interessem pelo ensino de história pelo professor de história e conseqüentemente um desrespeito pelos monumentos históricos, museus, sítios etc.

Quando a memória pessoal histórica entra em contato com a história da vida pública, nasce o conflito psicológico de escolher o que pode ou não ser publicado nos manuais de ensino de história. Isto faz com que muitos autores omitem certos eventos e acontecimentos quando são chamados para a revisão desses manuais por meio de uma orientação política.

A história oficial está nos livros, nos documentos, na mídia e na boca dos políticos. Desta feita existem outra margem dos eventos e acontecimentos do tempo presente e na memória histórica do aluno, professor, encarregado de educação e a sociedade angolana. Se queremos ter sucesso devemos trabalhar com a memória histórica das pessoas por este conter indícios, vestígios e marcas do ensino de história aparentemente esquecida, no seio familiar do aluno contém sempre uma crença do ensino de história de Angola, como uma espécie de resistência por meio da verdade. A história local e regional apresenta e mostra de forma honesta, os artefatos, as imagens e os documentos do passado de suas comunidades. Neste contexto, quando olhamos nas imagens e nos textos do manual de ensino de história, verificamos que há um congelamento, onde as imagens e textos, a princípio não tem autores e nem dialogam. Por outro lado, há uma história, aquela dos grandes heróis, dos fundadores da nação, das vitórias de guerras, das lutas de

libertação pela independência, da bandeira e do hino nacional, que merece destaque político nos manuais de ensino de história. (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 19 - 53).

É destes eventos que surgem os conflitos quando a uma colisão entre a memória histórica dos vencedores e dos vencidos, contextos como estes moldam o conteúdo de ensino de história de Angola. Os alunos têm aproximadamente de 9 a 15 anos de idade, os manuais devem estar alinhados a iconografia e deixando essa forma tradicional de escrever, esse pode ser o caminho para perspectivar o manual de ensino história de Angola.

A nossa crítica surge quando observamos o tema 1 e 5, nos seus subtemas a discrepância é abismal entre o texto e a imagem. Neste sentido, surgiu-nos várias questões como: de onde tiraram as imagens? Quais são os autores dessas respectivas imagens e textos? Por que tanta omissão nas imagens e textos? Isto não dificulta a percepção da história por parte do aluno? Como o professor tem explicado aos alunos quando são questionadas sobre essas disparidades? Será que estas questões fazem com que os alunos se desinteressam pelo ensino de história de Angola? Ou é a forma que o sistema político angolano encontrou para levar ao esquecimento certos eventos e factos históricos do tempo presente? Os textos e as imagens do manual de ensino de história da reforma educativa de Angola entre 2012 - 2019 não dialogam para dar sentido nas relações sociais e culturais dos alunos.

Quando observamos a lei nº 32/20 de 12 de agosto, que altera algumas disposições da Lei nº 17/16, de 7 de outubro, sobre as Bases do Sistema de Educação e Ensino em Angola, o programa de ensino de história fornecido pelo INIDE (Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação), verificamos que começa com a República de Angola, Ministério da Educação, ensino primário e por fim programas da 5ª classe. Já o manual começa com a Reforma Educativa, manual de História, 5ª classe e os autores. A nossa indignação é porque o congelamento da palavra Angola no título do livro na capa? Porque não ficou manual de História de Angola conforme reza o programa fornecido pelo INIDE? Ou ficaria manual de ensino de história da reforma educativa de Angola, o que está na base de troca das imagens?

Angola viveu duas guerras civis: a primeira começou desde 1975 – 1991, já a segunda começou 1993 – 2002 não está fora das outras nações do mundo que também tiveram guerras e dialogaram para encontrar melhor forma de convivência e aprender a lidar com o passado histórico, esse deve ser o caminho para uma Angola reconciliada. Conforme podemos refletir nos dois contextos internacionais, por exemplo do mesmo acontecimento o bombardeiro Erola Gay, o Boeing B – 29 que jogou uma bomba nuclear em Hiroshima e Nagasaki em 6 de agosto de 1945, alguns americanos são contra e outros são a favor do mesmo acontecimento. Enquanto também alguns japoneses convergem outros divergem o importante é que eles debatem sobre as vantagens e desvantagens deste acontecimento de forma aberta sem as imposições da cultura dos

vencedores sobre os vencidos da memória histórica do seu passado. Acreditamos que esta é a forma de aproximar as pessoas envolvidas nesse processo de reconstrução nacional (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 59 - 60).

O conjunto das marcas deixadas pela guerra desencadeada em 1993 - 2002, traz à tona a forma como os alunos percebem a história de Angola. Com diálogo aberto e verdadeiro dos eventos e acontecimentos, poderia ser uma forma de terapia para a tal reconciliação que se almeja se insere muitas vezes nas representações instituídas pelos sectores dominantes (MONTENEGRO, 1994, p. 80).

Das imagens aos textos: caminho percorrido ao encontro de lacunas no manual de ensino de história de Angola.

Os relatos dos pais, avós, e outros familiares que viveram em primeira mão acontecimentos-chave da história do país constituem uma fonte de informação vivencial, entrando por vezes em contradição com a informação veiculada no sistema de ensino e nos meios de comunicação social, o que gera ambivalências emocionais em relação a determinados acontecimentos, como foi referido por alguns jovens em entrevistas exploratórias (MENDES *et all*, 2010, p. 218).

Pegando as palavras supracitadas principalmente quando o autor fala em ambivalências emocionais em relação a determinados acontecimentos. Olhando para os textos contidos nos manuais, constatamos que as imagens não dialogam com as narrativas atinentes a estas imagens, ou seja, se olharmos para figura n. 1 (abaixo), nos mostra que a imagem não vem com os créditos: autor da fotografia; nome do narrador, e não se consegue divisar a proveniência do narrador. Neste dilema, não se sabe, se esta figura é uma criação dos autores ou uma figura de fato portadora de memórias sobre a cidade de Luanda. Diante destas lacunas, não há um ensino performativo, uma vez que os eventos históricos chegam ao aluno com outra matriz, levando-o a esquecer os factos históricos por meio de uma memória que é congelada, contribuindo para uma contradição gerando desta forma ambivalências.

Figura nº1

Quando vim morar em Luanda com os meus pais em 1926, eu tinha 5 anos. Vivíamos nas barrocas da Maianga. Em 1926 não havia ainda ruas feitas, havia alguns caminhos por onde as pessoas passavam e algumas ruas começaram a fazer-se. As casas eram todas de zinco e de madeira.

O bairro que hoje se chama Maculusso, era um antigo cemitério dos africanos (angolanos), que os portugueses partiram e construíram o bairro Maculusso.

Nessa altura não havia carros – o único transporte eram as carroças e as tipóias. Eram os angolanos que puxavam as carroças onde andavam os colonos portugueses. Os carros só apareceram mais tarde.

Na parte Central e Norte da cidade de Luanda só havia barrocas e lavras, mas a população era ainda muito escassa. Vi nascer aos poucos a cidade. Luanda cresceu muito entre 1945 e 1950. Muitas zonas, bairros (como os bairros da Ingombota e Maculusso) que hoje têm prédios, hospitais, escolas, ruas e avenidas, nasceram a partir de zonas que não eram habitadas ou onde habitavam poucas pessoas e havia poucas construções.

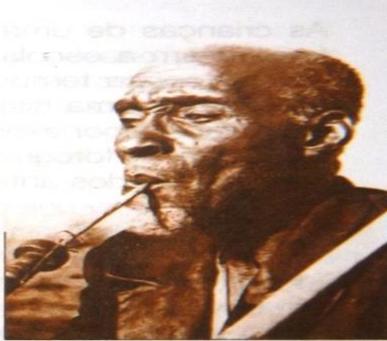


Fig. 3 Um mais velho contando a história de Luanda.

Fonte: NSIMGENGO, 2012, p.11.

Olhando para o título do tema “a história e a vida das gerações”, constatamos que a linguagem do texto não tem coerência com a fotografia que representa a figura n. 2, o aluno não consegue distinguir se é uma senhora, idosa ou velhinha não se vê claramente as rugas e nem o cabelo branco que o texto narra, mas sim é possível observar o pano amarrado na cabeça, por outro lado, não constatamos os créditos da imagem. Esta forma de escrever a história faz com que o aluno se desinteresse pela história e a disciplina também.

Figura n°2

Na figura à tua direita podes ver uma Senhora muito idosa, com muitas rugas e o cabelo branco. Estas são as marcas do tempo que já viveu. Ela nasceu antes de ti, dos teus pais, e até dos teus avós. Pode dizer-se que pertence à geração dos teus bisavós. Mas a essa senhora muito velha da fotografia, desde que nasceu até agora, aconteceram muitas coisas. Ela mesma passou por várias modificações. Como ela já viveu muitos anos, sabe muito sobre o tempo passado. Por isso, poderá contar-te muitas coisas interessantes sobre a sua vida, a dos teus pais e até a dos teus avós. Esta é a tua história.

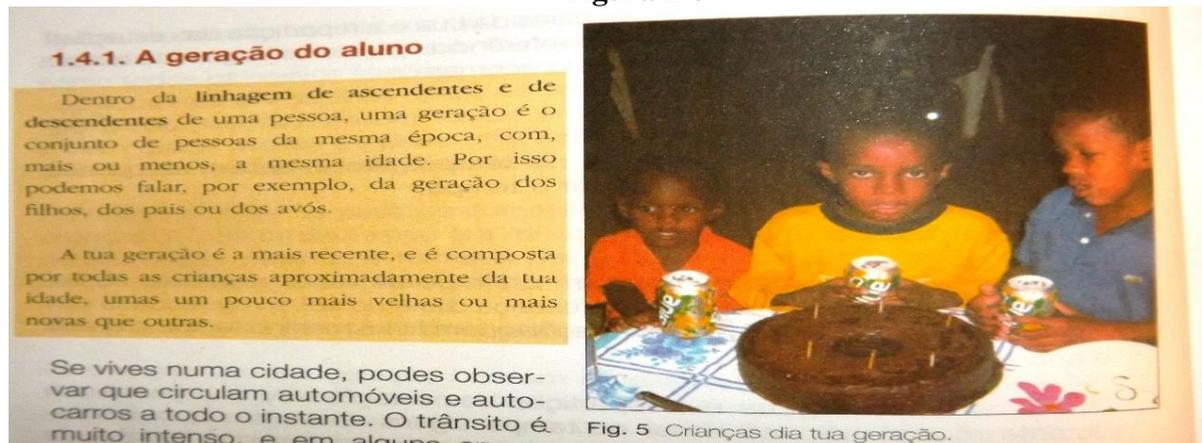


Fig. 4 Uma senhora muito idosa.

Fonte: NSIMGENGO, 2012, p.12.

O título do tema “a geração do aluno”, que geração é essa? Constatamos que para este tema foi utilizada uma fotografia, vide figura n. 3, de crianças num aniversário, em vez de uma imagem que representa o título do tema “a geração do aluno”, que geração é essa? Constatamos que para este tema foi utilizada uma fotografia, vide figura n. 3, de crianças num aniversário, em vez de uma imagem que representa, por exemplo, alunos numa sala de aulas ou numa escola. E continuamos com os problemas dos créditos das imagens.

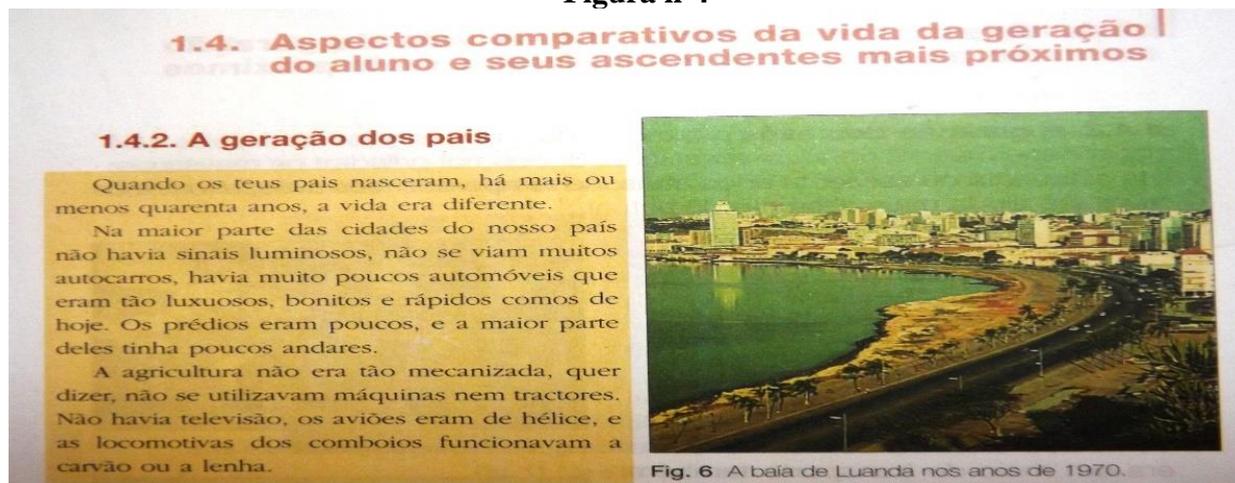
Figura nº3



Fonte: NSIMGENGO, 2012, p.14.

O título do tema “a geração dos pais”: a geração dos pais não é, nunca foi e nunca será a baía de Luanda e nem a história de Angola se resume em apenas na província de Luanda. A imagem abaixo apresenta a baía de Luanda e o texto fala da geração dos pais. Neste contexto estamos em presença de uma incongruência e uma história que pode perturbar o ensino e aprendizagem dos alunos.

Figura nº4



Fonte: NSIMGENGO, 2012, p.15.

O título do tema “geração dos avós”, constatamos que, se por um lado estamos tentando adaptar-se com as consequências da escravidão, por outro lado vimos os manuais a perpetuar assuntos relacionadas com a escravidão. O que vemos na figura n. 5 são crianças de joelho ao chão, uns sem camisas, outros com camisas e os adultos por trás das crianças próximo a uma viatura. Neste contexto, continuamos sem saber quem é o autor da fotografia, onde foi tirada. Nada nos parece com a geração dos pais.

Figura nº5

1.4.3. A geração dos avós

Há cinquenta ou sessenta anos atrás, no tempo dos teus avós, a forma de viver era ainda mais diferente da actual.

No tempo dos teus avós, as estradas eram estreitas e de terra batida, e as pontes feitas de troncos de árvores e de madeira. Foi por elas que circularam os primeiros automóveis, muito vagarosos e de modelos que hoje nos fariam rir.

Na era dos teus avós, as populações deslocavam-se geralmente a pé. Os comboios eram raríssimos. O avião



Fig. 9 Fotografia da geração dos avós.

Fonte: NSIMGENGO, 2012, p.16.

Segundo os resultados do artigo sobre memória coletiva e identidade nacional: Jovens angolanos face à História de Angola, mostraram o que os jovens querem aprender ou saber sobre a história de Angola. Na tabela nº 3, mostra as fontes de informação sobre a história de Angola provenientes de várias fontes, de acordo com os resultados, os livros representam 45, 6%, por outro lado os professores ocupam 4, 4%. Diante destes resultados, vimos que os alunos aceitam os livros, e não acreditam no conteúdo dos livros, mas gostariam que os professores fossem capazes de colmatar as lacunas provenientes dos manuais de ensino de história de Angola que são utilizados em sala de aula.

Uma vez que o professor não corresponde com as expectativas dos alunos, por um lado por meio de um conflito provenientes das fontes de informação, por outro lado a formação do professor que muitas das vezes não é professor de ensino de história contribui para que os alunos fiquem sem motivações extras para aprender a história de Angola e a pesquisa neste campo. Já para terminar esta análise, gostaria de levantar uma questão que achamos pertinente, por que os manuais perpetuam temas referentes ao tráfico de escravos? Quando vimos no artigo a memória coletiva e identidade nacional: Jovens angolanos face à História de Angola, os alunos têm pouca apetência para falar o tema tráfico de escravo, porque não falarmos por exemplo de uma história do tempo presente, uma história pública ao aluno?

O ensino de história de Angola: recuos e avanços...

O grande problema na questão do ensino em história de Angola tem a ver na forma como o professor ensina, o que manual diz é o que ele aplica em sala, nisso não temos dúvida. Por exemplo: se o manual mostrar que a história de Angola começa com a chegada dos portugueses

em Angola, o professor não terá como contrapor, já que ele é orientado a seguir o manual. Diante do que acabamos de explicar e com a realidade dos manuais, os assuntos começam a ser tratados com a história dos reinos, é uma história que se formos ao âmago das questões, o que é tratado no manual nos dá a entender, que é uma história narrada proveniente dos conquistadores - colonizadores, sobrepondo a história dos tais ditos “povos sem escrita” ou “povos sem história” isto não é verdade.

Quando um povo tem uma parte da sua história escrita proveniente do colonial, essa história precisa ser revisitada e analisada para que depois possa ser aproveitada e colocada nos manuais de ensino, por outro lado, para que esta história seja uma história performativa versus a uma história: distorcida, incompleta que não reflete a realidade do passado histórico deste povo. É inútil pensar que os povos que habitavam em Angola não tinham a educação. Eles desenvolviam uma educação natural que visava a transmissão de conhecimentos de geração em geração, os contos, os valores culturais e as próprias experiências de vida através da tradição oral. É neste paradigma que o MPLA como partido que governa Angola deveria trabalhar sobre a história de Angola ou os investigadores devem começar a trabalhar em prol de uma busca aproximada a “verdadeira história” de Angola (KEBANGUILAKO, 2016, p. 15).

Os conhecimentos do passado histórico exigem aos historiadores elevada responsabilidade na busca, conservação e divulgação dos conhecimentos históricos. Muitos angolanos estão preocupados com a sua história. O sistema político, econômico, social e cultural em que viveu condicionou sua concepção de história. Quando falamos da história de Angola temos dois momentos: o primeiro momento surgiu uma nova história, editada pelo MPLA, em 1966, que é elaborada num momento histórico de luta de libertação da dominação colonial portuguesa, a perspectiva da história de Angola neste contexto, refletiu a preocupação de informar e formar a consciência dos angolanos. Cidadão de uma pátria que foi sendo forjada por todos os povos estabelecidos no espaço territorial angolano. Depois da paz em 2002 com o lançamento da reconstrução nacional, deveria se criar novas condições de um projeto para o estudo da história de Angola. Continuando com o projeto de investigação iniciado em 1982, onde procurava unir a investigação ao ensino de história de Angola. Numa expressão, todo o passado histórico e o tempo presente dos angolanos (FERREIRA; TAVARES, 1986).

A investigação, ensino e os programas de história de Angola devem servir e responder aos anseios dos alunos da 5ª classe da reforma educativa. Que nos parece é que continuamos a pautar pelos mesmos conteúdos desde o primeiro manual de história de Angola o publica em 1966. Para conclusão do programa de História, iniciado na 7ª classe, dele consta, sem manual ou material de apoio, unidade sobre Angola que se estendem aos séculos XIX e XX, e em temática compreendem a situação das sociedades africanas antes de ocupação e da situação da colónia; a

implementação do sistema colonial, econômico, social, político e cultural; o movimento de desintegração do sistema, das origens do nascimento angolano à independência até à resistência contra a agressão imperialista (2ª guerra de libertação). A uma pergunta que não se cala qual é a verdadeira história de Angola? Tanto os historiadores como o público em geral têm opiniões controversas, a vastidão deste programa é uma consequência do desconhecimento da História de Angola, mesmo ao nível do que existe da “Historiografia colonial” refletindo, por isso, a necessidade de inúmeros estudos, de modo a permitir a delimitação da matéria ao nível de ensino pretendido (FERREIRA; TAVARES, 1986).

Dificuldades enfrentadas no ensino de história de Angola pelos professores que trabalham com a monodocência.

Em Angola os professores do ensino primário trabalham com a monodocência, de 1ª classe até a 6ª classe com as seguintes disciplinas: história, geografia, matemática, língua portuguesa, estudo do meio, educação plástica, educação musical, onde o professor principalmente na 5ª e 6ª classe, leciona as disciplinas de história, geografia pelo qual alguns deles não foram formados pedagogicamente e nem capacitados para ensinar essas disciplinas assim como outras. Neste contexto, o professor a lecionar essas disciplinas condiciona o ensino e aprendizagem e também o passado histórico. Quando falamos do ensino e aprendizagem podemos encontrar alguns problemas que o professor lida no seu fazer histórico em sala de aula.

- 1- Problemas na forma como administra os conteúdos em sala de aula;
- 2- Problema na preparação das aulas;
- 3- Lacunas no manual didático de ensino;
- 4- Falta de material de apoio ao ensino de história em sala de aula: mapas, fotografias, documentários e livros.

Com os problemas dos professores e dos manuais de ensino e do próprio sistema de educação vigente em Angola faz com que os conteúdos sejam congelados, pelos professores por falta de conhecimento e habilidade para lidar com os acontecimentos e eventos do tempo do presente. Se olharmos para os conteúdos apresentados em sala de aula, fala-se mais de uma história dos tais ditos “vencedores”, daqueles que se encontram no centro, os heróis da independência, que só um é que teve o mérito, da escravidão etc. Em detrimento da história dos “vencidos” que normalmente não são “reconhecidos” os seus feitos. Mas há uma razão, o sistema ideológico e político angolano, só para termos uma ideia, podemos ver por exemplo que o primeiro manual de história de Angola foi publicado em 1966 pelo MPLA, é o MPLA que desde 1975 governa Angola, mas história continua a ser ensinada em sala de aula com um

pendor a uma história do centro. O que seria ideal era incluir todo o passado histórico do povo angolano e seus intervenientes.

Uma perspectiva do plano curricular de história de Angola

Os planos curriculares da disciplina de história de Angola, devem começar a proporcionar aos professores a capacidade de pensar sobre os acontecimentos e eventos históricos dos alunos, tais como: os critérios de periodização em história de Angola, as relações de acontecimentos no tempo, continuidades, descontinuidades e rupturas. Na concepção deste plano curricular, deve-se ter atenção a busca de várias fontes em diferentes documentos históricos como: manifestações artísticas e folclóricas, testemunhos, orais como escritos e textos didáticos. A preocupação do plano curricular deve se deslocar para os diferentes espaços históricos, bem como a ligação dos acontecimentos e eventos do tempo presente relacionando este tempo com a história pública.

O currículo de história de Angola deve olhar para as relações de alunos e professores com diferentes fontes históricas; as ideias dos alunos e professores sobre as novas tecnologias e a sua relação com o ensino-aprendizagem; o estudo da consciência histórica dos alunos e professores. Como os professores e alunos compreendem a história de Angola? Como eles analisam a progressão das ideias históricas de Angola? São algumas questões de muitas que podem ser feitas proveniente do nosso olhar ao currículo de história de Angola. O currículo deve alinhar-se na perspectiva de trabalhar com a consciência histórica dos alunos, professores, encarregados de educação e a sociedade, por este possuir os documentos em arquivos familiares: que está sob a sua guarda para preservar a memória e a história dos seus familiares (FERREIRA, 2014, p. 216 - 219).

A experiência do professor na sala de aula no ensino de história de Angola

Muitos professores que lecionam a cadeira de história não são historiadores, o que dificulta a compreensão dos textos históricos em sala de aula, como também os manuais não ajudam, por trazerem lacunas no seu conteúdo, quando os textos não passam por uma avaliação, ou melhor por uma crítica histórica, os documentos, textos e imagens contidas nos manuais são selecionadas mediante a opção política ou uma determinada ideologia, o que diminui de certa forma a qualidade do ensino de história de Angola.

A formação do professor na área de história é fundamental, sua capacitação para em ter habilidade para que ele possa fazer leituras nos documentos antes de ser utilizado por exemplo em sala de aula. Julgamos que os seminários dados pelo Ministério da Educação, não habilita o

professor de ensino de história tão pouco a ser o historiador, como para trabalhar com os documentos históricos na em sala de aula.

Conclusão

Apesar do presidente João Lourenço ter criado a comissão para a reformulação dos manuais, no nosso ponto de vista, os manuais serão sempre alvo de uma memória histórica congelada. Neste contexto corroboro com o Yuri Agostinho (2020) quando ele falou que são os manuais com memórias congeladas, a imprensa escrita e autores não especializados que muitas das vezes influenciam e dificultam a compreensão do passado histórico (AGOSTINHO, 2020, p. 71). O executivo angolano deve apostar para uma discussão e elaboração dos manuais de uma forma participativa. Os conteúdos devem estar alinhados à uma abrangência dos vários níveis de temporalidades, relativo a realidade social e suas inter-relações, ou seja, podemos estudar o passado, mas um passado que não fique preso a história do centro, mais sim um passado que nos leve a história das margens e que nos dá possibilidades de construir uma história performativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Yuri Manuel Francisco. Um olhar tripartido sobre as demandas sociais atinentes ao processo de patrimonização em Angola: história do tempo presente, património e usos do passado, **Revista África(s)**, vol. 7, nº 13, p. 67 – 86, 2020.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letras e Voz, 2011.

ANSARA, Soraia. Políticas de Memória X Política do Esquecimento: possibilidades de desconstrução da matriz colonial, **psicologia política**, vol. 12, nº 24, p 297 – 311, 2012.

FERREIRA, Aurora Fonseca; TAVARES, Ana Paula Ribeiro. a problemática da pesquisa sobre história de Angola. África: **Revista do Centro de Estudos Africanos** da USP 9, p. 80-90, 1986.

FERREIRA, Jacques de Lima, **Formação de professores: Teorias e prática pedagógica**, RJ, editora vozes, 2014.

KEBANGUILAKO, Dinis. **A educação em Angola: sistema educativo, políticas públicas e os processos de hegemonização e homogeneização política na primeira república: 1975 – 1972**. Tese (Doutorado em Educação) – UFBA, Salvador, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, editora PUC – Rio, 2014.

MENDES, Júlio; SILVA, Eugénio; CABECINHAS, Rosa. Memória colectiva e identidade nacional: jovens angolanos face à História de Angola. In: MARTINS, Moisés de Lemos; CABECINHAS, Rosa; MACEDO, Lurdes (Eds.). **Anuário Internacional de Comunicação**

Lusófona 2010 lusofonia e Sociedade em Rede. Universidade do Minho - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade: Grácio Editor. 2010.

MONTENEGRO, António Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada.** São Paulo: editora contexto, 1994.

_____. Lembrança de um aluno mal comportado, **Tóp. Educ.**, Recife, v.9, n.1/2, p. 11 – 16, 1991.

NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 10, out. 2012.

NSIMGENGO, Pedro, et all, **Manual de História 5ª classe da Reforma Educativa de Angola.** Luanda: Livraria mensagem, 2012.

PESSANHA, Manuela, et all, **Psicologia da Educação.** Porto: Plural, 2013.

VARGAS, Diego Vasconcellos. **Memória e silenciamento nos Arcos do Bixiga.** Dissertação (Mestrado em Análise de Políticas Públicas) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Documentos

INIDE/MED. Programas de História 5ª classe. Ensino primário. Luanda: editora Moderna, 2019.

Recebido em: 22/01/2021
Aprovado em: 10/03/2021